



PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS E CONTRIBUIÇÕES COM O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM SUJEITO SOCIOAMBIENTAL

Bruna Laryne Batista Canto ¹

INTRODUÇÃO

No início da década de 1960, os problemas ambientais começaram a ganhar espaço de discussão mais amplo dentro da sociedade. Segundo Carvalho (2008), a Educação Ambiental surge num terreno marcado por uma visão naturalizada, mostrou-se mediante à uma afirmação de um novo olhar, o socioambiental, com intuito de superar a divisão que existia entre a natureza e sociedade.

A Educação Ambiental/EA é um processo presente no sistema educacional por meio de normas definidas pelo estado e por meio de práticas, as quais devem acompanhar a trajetória dos estudantes durante toda a sua jornada escolar (ALBARADO, 2016).

Deste modo, questiona-se nesse estudo: A Educação Ambiental nas escolas está contribuindo com projetos e práticas que envolvam a realidade dos educandos na formação de um sujeito socioambiental?

Deve haver intencionalidade da escola para a construção de um projeto de uma Educação Ambiental crítica, bem como propor em reuniões com o corpo docente procedimentos pedagógicos para formação de um sujeito socioambiental que sustenta a utopia ecológica e que anima luta por um projeto de sociedade, bem como agregam traços, valores e crenças utilizadas em facetas variadas.

Tais ideias serão fundamentadas com base nas contribuições teóricas de Carvalho (2008); Loureiro (2006); Loureiro, Layrargues e Carvalho (2012); Dias (2002). Este estudo evidencia a importância de um projeto de uma escola com intencionalidade para uma EA crítica, que deve fazer a leitura da realidade e envolver os sujeitos que pertencem a ela no intuito de proporcionar a organização coletiva na busca de soluções para os problemas, para mudança política e social, que contribua na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

METODOLOGIA

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UF, brunacanto16@hotmail.com;

Este estudo foi de natureza qualitativa, com enfoque epistemológico crítico – dialético. (FAZENDA, 2006). Logo, o tipo de pesquisa foi a participante, por meio da qual se verificou como a escola colabora para gerar atitudes coerentes com a sustentabilidade, capazes de intervir na realidade.

O local da pesquisa trata-se de 01 (uma) escola pública dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Parintins, situada em comunidade ribeirinha. A escolha da referente instituição de ensino justifica-se partir da aproximação dessa escola com a realidade de lutas ambientais do movimento ambiental ribeirinho. Nessa escola observamos a integração de projetos e práticas de EA sendo mais trabalhados junto à comunidade. Os sujeitos que contribuíram com este estudo foram: 01 (uma) professora que atua no Ensino Fundamental da escola ribeirinha, estudantes do Ensino Fundamental e 01 (um) pai de estudante e 2 (duas) lideranças ambientais, todos identificados por nomes fictícios: Professora Sapopema, Liderança Gavião, Liderança Pirarara e Pai Boto.

Tivemos acesso a algumas atividades realizadas pela professora como desenhos e poemas que possibilitaram analisar as percepções das crianças sobre o meio ambiente além de observação participante para analisar o ambiente escolar com utilização de caderno de campo para as anotações da pesquisadora.

Também realizamos entrevista semiestruturada, por meio de um roteiro pré-elaborado para identificar a compreensão sobre a relevância das ações de EA, possibilitando obter informações que contemplassem os objetivos desta pesquisa.

Participamos de uma Assembleia do Grupo Ambiental Natureza Viva/GRANAV, no 27 de novembro de 2021, realizada no Barracão Social da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Paraná de Parintins, locus da pesquisa, com a presença da professora da escola, de lideranças e comunitários, na qual foi possível realizar importante momento de reflexão sobre o envolvimento desses sujeitos com as práticas de EA.

Assim, procuramos nos aprofundar nessas práticas de sustentabilidade integral e Bem Viver do povo ribeirinho por meio da realização de uma atividade realizada nos dias 06 e 07 de maio de 2022. Nesse momento, realizamos a oficina sobre Educação Ambiental e Agroecologia em parceria com a escola e comunidade, estando presentes professores, pais, alunos e líderes comunitários, assim como professores e acadêmicos participantes de uma ação de extensão da UFAM que ocorreu no período em que desenvolvemos a pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão da EA no ensino formal passa ser objeto de discussão na Conferência de Estocolmo em 1972 e na Conferência de Tbilisi, que conforme DIAS (apud ALBARADO, 2016, p. 66) “desencadearam inúmeros encontros internacionais e nacionais de grande relevância no processo de tomada de consciência da população mundial sobre as questões ambientais” trazendo orientações para o ensino formal.

A Política Nacional de Educação Ambiental criada em 1999, pela Lei n. 9.795, define juridicamente, em seu Art. 1º, a Educação Ambiental como: “processo por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. Nesse viés, a EA deve formar sujeitos capazes de atuar sobre a realidade, por meio da participação em diferentes âmbitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola fica situada em uma área ribeirinha marcada por uma vegetação de várzea, o acesso é por rio na época da cheia, e por caminhos de chão barrento que ligam as casas e a comunidade na época da seca, as turmas são formadas por classes multisseriadas, divididas em Educação Infantil e Ensino Fundamental, a média de alunos por turma é de 6 a 10 alunos, com idades diferentes.

Nos primeiros contatos com o local da pesquisa, as falas das crianças, segundo o relato da professora, são carregadas desse saber ambiental, o envolvimento da comunidade como um todo nas questões ambientais é notável. Fato que está registrado em estudos anteriores a este como os de Albarado (2016). Ao participarmos da assembleia que o GRANAV realizou na comunidade no 27 de novembro de 2021, observamos a participação de um movimento de práticas socioambientais fundado pela comunidade e que atinge consequentemente os alunos que ali residem e a escola como um todo. Também realizamos perguntas para a professora (que também é membro do GRANAV) sobre como a escola contribui para os alunos adquirirem conhecimentos de Educação Ambiental aptos para sua realidade, quais as

atividades e diálogos realizados, a professora Sapopema (nome fictício, 51anos, 07 de maio, 2022):

[...] como ocorre as grandes enchentes [...] em questão de paisagem natural, em que desenhou o local, o porquê dele gostar desse local, como ele vive, o cuidado que ele tem que ter com esse local, porque se ele não cuidar isso aí um dia acaba, [...] então a gente trabalha muito assim através de conversa e depois ele vai colocar na prática aquilo que ele vivencia no dia a dia [...] por isso que o desenho deles sai bem legal, eles desenharam muito as paisagens, as canoas, as plantações, o que que o pai dele planta, como ele vive, então eles sempre colocam assim 'meu pai vive feliz com aquilo que ele planta pra nos sustentar', então tudo aquilo ele tira da terra, o cuidado que ele tem que ter com aquele local, porque se ele não tiver cuidado não vai produzir, então tudo a gente trabalha conversando e depois põe na prática o desenho. (Professora Sapopema, 51anos, 07 de maio, 2022).

Esse importante relato expressa que as práticas de visitação e observação da realidade contribuem com o despertar ambiental dos estudantes. Todos esses saberes são passados de pais para filhos, e são reforçados nas práticas pedagógicas orientadas pela professora, quando instiga seus alunos a perceberem o meio ambiente ao seu redor e a retratá-lo em suas atividades pedagógicas, sejam por meio de desenhos, de descrição oral ou de poemas sensíveis.

Esses bons conviveres são ensinamentos passados para os mais jovens, que por meio de aprendizados sobre como usufruir da natureza de forma sustentável, com todo o cuidado, respeitando o seu ciclo, internalizam atitudes que constroem o sujeito socioambiental, por meio de suas práticas. Em entrevista com uma liderança do Grupo Ambiental Natureza Viva (GRANAV), denominada pelo pseudônimo de Gavião Real, pudemos compreender melhor a vivência na comunidade:

[...] a nossa vida não tá resumida a isso, mas sim ao cuidado com todo o ambiente, tudo que o que a gente vê na natureza tem uma relação com aquilo que a gente vive aqui [...] por exemplo olha o arroz ele é o principal alimento do tambaqui, no período que eles entram no lago, quando eles saem do arrozal eles já estão em torno de 10 centímetros, os que se alimentam de arroz [...] a gente está atento a isso, a esse ambiente e também a tudo que já foi perdido, toda essa relação com a natureza a gente procura conhecer, o porquê é importante para nós, se não tiver isso, nós não teremos alimento, nós não teremos solo, não teremos como viver aqui [...] por isso essa nossa relação de trabalho com a natureza ela é importante, ela é imprescindível,



ela tem que ser conhecida, divulgada, que mais pessoas possam tá vendo a forma que a gente vive, que é sustentável [...] a gente consegue se manter aqui e manter as futuras gerações [...] a gente também pensa na questão tecnológica para trabalho, uma que a gente já introduziu é a Casa de Vegetação, é uma tecnologia. [...] Há a possibilidade de introdução de novas tecnologias, não de forma que agrida a natureza, mas de forma que possa ajudar na produção.

Em suas falas é notório que o povo da ilha do Paraná de Parintins, são comunitários de uma consciência coletiva e que possuem práticas que viabilizam sua existência e permanência no território. É importante destacar que os viveres e conviveres dos(as) ribeirinhos(as) da Ilha Paraná de Parintins guardam “o princípio do cuidar para sempre ter, por isso, quando fazem uso da natureza procuram não degradá-la, permitindo que ela se regenere e se transforme gerando mais vidas.” (ALBARADO, VASCONCELOS e HAGE, 2019).

O intuito é compreender como os sujeitos percebem o seu ambiente, suas relações, seus conflitos e problemas sobre tudo que envolve a questão ambiental, a partir disso realizamos uma oficina que envolveu os alunos, pais, professores e lideranças ambientais com o tema gerador para palestra “A argila na Educação Ambiental e Agroecologia”, para a atividade foram necessárias apenas algumas peças de argila prontas para serem moldadas, alguns pincéis e palitos para que os participantes colocassem traços em suas criações, a oficina propôs a formação de uma roda com intuito de promover a interação entre os participantes e no decorrer da atividade uma conversa sobre o tema ia se desenrolando, os conhecimentos compartilhados tratavam-se desde atitudes ecológicas e explicações sobre o que estava criando. A partir das apresentações os participantes demonstraram sua sensibilidade com sua realidade, o seu bem viver em harmonia com o meio natural, compartilharam conhecimentos das águas, da terra, das florestas e o convívio da comunidade foram fonte de inspiração para as obras em argila, conforme cada trabalho feito era explicado víamos falas carregadas de interesse pelas ações que esses sujeitos praticam para que esse modo de vida não se perca, e sim seja passado adiante, reconhecido e sirva de fonte de inspiração para outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola em que este estudo se desenvolveu socializa valores em relação a temática ambiental, a partir da leitura da realidade em que os sujeitos estão inseridos, é possível



afirmar que em todas essas atividades os alunos expressam seu olhar e conhecimentos que são adquiridos com a comunidade seja com os pais seja com outros membros da comunidade.

Existe a troca entre os comunitários que interagem com o ambiente escolar. Ainda é necessário que haja na escola projetos e atividades pedagogicamente orientadas para além de apenas preservar o meio ambiente, uma vez que a comunidade conta com o Grupo Ambiental Natureza Viva, o qual muitos dos alunos ainda não tinham conhecimento, as pautas de suas lutas poderiam ser trabalhadas em sala de aula, como forma da comunidade como um todo construir uma verdadeira Educação Ambiental transformadora.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Práticas pedagógicas. Sujeito Socioambiental.

REFERÊNCIAS

ALBARADO, Edilson da Costa. Escola do campo, no município de Parintins, acolhe educação ambiental. In: VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira. **Educação do campo em Parintins: limites e possibilidades**. São Paulo: Scortecci, 2016.

ALBARADO, E. da C. **O significado da prática de sustentabilidade socioambiental do GRANAV junto às comunidades ribeirinhas do município de Parintins (AM)**. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós- Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

BRASIL. **Decreto-lei n. 4.281 de 25 de junho de 2002**. Regulamenta a Lei n. 9.795 de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília: MEC/SEF, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político- pedagógica. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. (orgs.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate – 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.**

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo> Cortez, 2008.

DIAS, Genebaldo Freire. **Iniciação à temática ambiental**. São Paulo: Gaia, 2002.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2006.